

Ser & Ser aí
Finitude & Infinitude:
Realidade e Idealidade

Agemir Bavaresco
Jair Tauchen
João Jung
(Orgs.)



Editora Fundação Fênix

APRESENTAÇÃO – SER & SER AÍ



<https://doi.org/10.36592/9786581110208-0>

O Leituras da Lógica, que terá sua sexta edição no próximo ano, corresponde a um esforço de pesquisa interinstitucional a respeito da Ciência da Lógica [*Wissenschaft der Logik*], de Georg Wilhelm Friedrich Hegel. Este livro sintetiza os trabalhos discutidos e apresentados ao longo do evento, o qual ocorreu nos dias 26 e 27 de maio de 2021. Todavia, mais do que isto, o Leituras da Lógica promove um diálogo perene entre múltiplas instituições e departamentos de filosofia; os dois dias do evento servem como o compartilhamento de pesquisas realizadas de forma contínua nos diferentes grupos de trabalho que o compõe.

O V Leituras da Lógica congregou pesquisadores do nível de graduação à pós-graduação, em grupos liderados por professores doutores com reconhecida produção acadêmica na área. A cada edição vemos um maior engajamento das instituições já participantes, bem como a adesão de novos pesquisadores a este esforço conjunto de pesquisa. Como forma de materializar a crescente importância do Leituras da Lógica, neste ano passamos a integrar o *World Logic Day*, promovido pela UNESCO em parceria com o *Conseil International de Philosophie et de Sciences Humaines*.

Estimula-se a compreensão hermenêutica do texto hegeliano ao mesmo tempo no qual se incentiva um diálogo interdisciplinar para lidar com a complexidade da lógica. Nesse sentido, esperamos que este livro venha a somar os esforços das edições passadas no que tange à disseminação da filosofia de Hegel; do mesmo modo abrem-se aqui possibilidades para pesquisas e textos futuros.

Na sequência apresentaremos um breve resumo de cada capítulo, que foi incluído em uma estrutura temática, segundo os critérios das apresentações pelos grupos de pesquisa a partir de uma coesão de temas e problemas em partes. A Parte I – Ser, Nada, Devir: o Ser Aí enquanto determinação é composta pelos seguintes capítulos:

Agemir Bavaresco, Nuno Pereira Castanheira, Álvaro Bô, Daniel Santos e João Jung (PUCRS), em *Leitura das categorias lógicas hegelianas: determinação,*

constituição e limite, informam que o “tema de nossa pesquisa sobre a “leitura das categorias da determinação, constituição e limite” tem por objetivo explicitar como Hegel faz a dedução dessas categorias lógicas. Os momentos do algo e do outro, em primeiro lugar tem uma oposição entre o algo em sua determinidade frente ao outro passando, depois, para a dialética da determinação e constituição. A determinação do algo está em relação com a constituição do outro o que conduz a uma mudança tanto no algo como no outro. A mudança é um ganho lógico na auto-atividade dos momentos do algo e do outro, que enfim, estabelecem o limite, ao mesmo tempo, como separação e vinculação entre eles enquanto um silogismo entre ambos. O limite é, portanto, a contradição imanente ao algo e ao outro, o que torna o ser aí limitado e conduzido à sua finitude”.

Danilo Vaz-Curado R M Costa, Tales Macêdo da Silva e Bruno Lemos Hinrichsen (UNICAP), em *Linguagem e Sentido na Doutrina do Ser da Ciência da Lógica de Hegel: um estudo sobre o trânsito Ser-Nada-Devir*, indicam que “o presente texto é uma reflexão acerca da *Ciência da Lógica* de Hegel com o foco mais geral de tornar explícito a passagem ou o trânsito daquelas primeiras determinações do pensar *Ser-Nada-Devir*, e um propósito mais específico de demonstrar que este trânsito ou passar [*Übergehen*] é ao mesmo tempo uma auto fundação do pensar. A tese central é mostrar a auto-referencialidade do pensar e seu processo de constituição lógica. Se a tese que aqui defende-se conseguir êxito em sua demonstração a *Ciência da Lógica* de Hegel não é uma doutrina do pensar correto apenas, pois não se reduziria às regras da correção do pensar em geral e do juízo em particular, mas seria uma verdadeira metafísica, pois se constituiria ao mesmo tempo como fundante de si própria e instituidora de suas próprias regras, ou melhor, seria uma *lógica enquanto metafísica*”

Marly Carvalho Soares e Francisco de Assis Sobrinho (UECE), em *o Ser do início e o começo da sua determinação*, estabelecem que o “artigo é um comentário sobre uma parte da primeira seção da *Ciência da Lógica* Hegel referente ao primeiro capítulo, no qual trataremos do movimento dialético do ser e do nada em direção ao devir. Nesse estudo, demonstraremos, a partir do método dialético-especulativo do autor, que o ser e o nada puros têm sua verdade no movimento do desaparecer imediato de um no outro. Demonstraremos também que é no devir que ambos são

diferentes, mas contudo, é esta uma diferença que não permanece e, portanto, imediatamente se dissolve. Como resultado desta investigação, destacamos que na lógica dialética hegeliana, a unidade do ser e do nada se realiza no devir enquanto movimento dialético, que nos seus momentos nascer e perecer possibilita a primeira determinação do ser como ser-aí”.

Adilson Felício Feiler (UNISINOS), em *Uma releitura do Ser como algo e outro a partir do Espírito do Cristianismo e seu destino* apresenta a “estrutura metodológica dos escritos de Hegel, desde os de sua juventude até os da maturidade, obedece a uma ordem permeada pelo movimento de mediação, possível graças à negação que lhe é imanente. Por isso, a mediação da positividade imediata da lei, a moral, sua negação, resulta num movimento de reflexividade entre os momentos anteriores, o que garante a organicidade destes momentos num todo. Da mesma forma, para que algo seja algo, precisa de sua negação, portanto, do outro. Assim, é da mediação do algo no outro, da negação de cada um, se garante o seu estatuto de algo e de outro, que, em sua totalidade é o Ser, associado a sua negação, o nada, resultam numa tenção que é o devir. Este Ser determinado que se media como finitude, na Doutrina do Ser, acaba operando, metodologicamente, o mesmo movimento que a lei positiva e a moral no Espírito do Cristianismo”.

Alexandre Tuma Junior (UNESP), em *A dupla negação como constituinte do Absoluto*, pretende com este trabalho, “compreender a dupla negação como constituinte do Absoluto. Para tal, utilizamos a obra *Ciência da Lógica: 1. Doutrina do Ser* (Petrópolis: Vozes, Bragança Paulista: Editora Universitária, 2016). Para Hegel, a dupla negação, a negação da negação, constitui o Infinito, em que tal categoria possibilita explicar e compreender o Absoluto. Em linhas gerais, a exposição da categoria do Infinito se desenvolve por meio dos seguintes momentos: (1) afirmativo como negação do Infinito; (2) Infinito unilateral e abstrato; e, (3) Infinito verdadeiro. Assim, neste trabalho, pretende-se compreender a dupla negação como constituinte do Absoluto, uma vez que a categoria do Infinito (enunciado por Hegel no segundo capítulo: O ser-aí) possibilita explicar Deus ou Absoluto. Deste modo, o pensamento de Hegel tem como pretensão explicitar o Absoluto através de universais concretos, isto é, explicitar o Absoluto especulativamente - ou seja, entendendo as razões pelas quais ocorre, em si e para si, o Absoluto e suas determinações. Hegel desenvolve as

determinações de seu pensamento no debate com a metafísica tradicional, a filosofia transcendental, a lógica formal, e as ciências, etc., constituindo-se como um sistema influente tanto em sua época como nos dias atuais. Por tratar das determinações do pensamento e seu desenvolvimento lógico, o pensamento de Hegel permite compreender a si, a realidade e, principalmente, o Absoluto",

Ricardo Pereira Tassinari (UNESP), em *A Continuidade das Leituras da Ciência da Lógica pelo Grupo Hegel e o Idealismo Especulativo-Laboratório Hegel*, "visa descrever sumariamente a forma e os resultados da participação do Grupo Hegel e o Idealismo Especulativo (GHIE) no V Leituras da Lógica de Hegel – 2021 (V LLH). O que motiva a elaboração deste artigo é relatar os resultados positivos alcançados, em especial, devido a continuação do novo formato de estudo e pesquisa adotado pelo GHIE, a partir do IV Leituras da Lógica de Hegel 2021 – Homenagem aos 250 anos de nascimento de Hegel: Stuttgart 1770 – 2020 (IV LLH). Tais resultados foram: (1) os próprios seminários apresentados no GHIE, que foram gravados, bem como a apresentação no V LLH, (2) os textos que estão publicados neste livro, do qual este artigo faz parte, (3) a formação (*Bildung*) dos participantes, em especial, devido aos novos formatos, (4) a continuidade de uma nova forma de proceder com os estudos e as pesquisas no GHIE, estabelecida desde sua participação no IV LLH. Aqui se interessa principalmente pelos dois últimos itens, em relação aos quais se obteve: (1) um profundo e intenso estudo e pesquisa do texto em questão por parte dos autores das apresentações, (2) a aquisição de mais autonomia e mais maturidade por parte desses autores, (3) um aprendizado e formação mais profundos dos participantes (autores e comentadores) das apresentações, (4) o exercício de se trabalhar com diversas interpretações e buscar certa unidade, (5) a continuidade de uma nova forma (para o GHIE) de atividade de estudo e pesquisa, que foi incorporada e passou a influenciar as seguintes, em especial, quanto a participação no V LLH, estabelecendo e consolidando uma nova dinâmica, por todos os resultados positivos elencados".

A segunda parte aborda a temática - Dialética da Finitude e da Infinitude, que pode ser acompanhado na sequência.

José Pinheiro Pertille, Víctor Eugenio Duplancic, Luiz Filipe Oliveira, Jaderson Silva dos Santos e Ângelo Alexandre Delazeri (UFRGS), em *A "finitude" na Ciência da*

Lógica de Hegel, pretende “esclarecer o sentido mais estrito da finitude conforme exposto na *Doutrina do Ser* (1812) de Hegel, tomando por base a hipótese mctaggartiana diante da polissemia deste conceito. Para tanto, procederemos em quatro passos: primeiramente, apresentaremos o contexto de aparecimento do tema da finitude na *Doutrina do Ser* (1812), assim como a hipótese interpretativa de J. M. E. Mctaggart (1910) perante as diferentes manifestações deste conceito ao longo da obra; em segundo lugar, analisaremos as mediações fundamentais do sentido estrito da finitude de acordo com a ordem expositiva do texto original hegeliano, partindo da imediatidade do finito em direção ao conjunto de mediações que o encadeia como o antecessor direto do *in-finito*; em terceiro lugar, abordaremos o sentido ontológico mais preciso da dualidade disposta no interior da finitude entre a barreira (*Schranke*) e o dever ser (*Sollen*), os quais são as supressões/suspensões do limite (*Grenze*) e da determinação (*Bestimmung*), respectivamente; em último lugar, comentaremos a respeito da transição da finitude para a infinitude enquanto o desdobramento imanente do finito que em seu outro não encontra o seu fim último, mas a sua continuidade”.

Thiago de Souza Sálvio e Carlos Eduardo Nogueira Facirolli (UNESP/FFC), em *Apontamentos sobre o conceito de infinitude na Doutrina-do-Ser de Hegel*, procuram apresentar “os famosos paradoxos de Zenão de Eléia (430 ac), que por séculos a tradição filosófica vem estudando e debatendo, e a filosofia especulativa de Hegel, oferece uma possibilidade de superação dos paradoxos. Hegel nos apresenta na Grande Lógica, a dialética da finitude e infinitude, superando a dicotomia e parcialidade, que aparenta ter a relação entre a finitude e infinitude, demonstrando o processo de autodesenvolvimento do conceito de infinitude, que abriga em seu interior a própria finitude, que se apresenta como limite, e lhe confere racionalidade e verdade, pois o finito participa e faz parte do processo. Hegel concebe como má infinitude, quando a finitude não participa deste processo, e essa seria uma forma de crítica e superação dos paradoxos de Zenão”.

Fabício Rodrigues Pizelli e Marcelo Marconato Magalhães (UNESP), em *A religião como produto do finito e infinito em Hegel*, têm o objetivo de “apresentar a religião como uma supressão do finito e infinito em Hegel. Para isso, utiliza-se a segunda observação, acerca do idealismo, na seção dedicada à *infinitude afirmativa*,

no segundo capítulo, da Doutrina do Ser. Neste aspecto, a religião, tal como a filosofia dispõem de um mesmo estatuto idealista, o qual reconhece a finitude como algo verdadeiro e como algo absoluto, não criado e eterno. Com efeito, a religião não estabelece o ser aí finito como absoluto, pois reduziria o intuito final do pensar ao contingente, solapando a universalidade do Pensar. Desse modo, a filosofia e a religião se assentam em um *idealismo sistemático*, no qual não se detém apenas no conteúdo da representação, mas está conservada na medida em que distingue da finitude do ser-aí. Portanto, a religião configura-se em um idealismo suprassumido no conceito, uma vez que, por um lado, o ideal é concreto, mas, por outro lado, é algo contido no Conceito, de modo que todos os momentos são inseparáveis, isto é, presente no Saber Pensante".

Gabriel Rodrigues da Silva (UNESP), em *Do finito ao (mau) infinito, e além: um estudo da contradição entre finitude e má-infinitude e sua resolução como verdadeira infinitude na Ciência da Lógica de Hegel*, "ao longo deste capítulo, apresentaremos, analisaremos e discutiremos o conceito de finito e o conceito de infinito conforme desenvolvidos por Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770–1831) em sua obra *Ciência da Lógica*, mais precisamente na seção "C. A infinitude", pertencente ao segundo capítulo, nomeado "O ser aí", da A Doutrina do Ser. Primeiramente, exporemos o conceito de finito. Na sequência, exporemos o conceito de infinito e sua respectiva diferenciação em má-infinitude, o infinito do entendimento, e verdadeira infinitude, o infinito da razão. Ao final do capítulo, focaremos na contradição entre a finitude e a má-infinitude e sua subsequente resolução com o desdobramento da verdadeira infinitude. Reconstruiremos a argumentação de Hegel e, auxiliando-nos em uma bibliografia secundária, tanto clássica quanto contemporânea, contextualizaremos o debate filosófico em torno do conteúdo proposto, principalmente, no que concerne às referências aludidas pelo próprio Hegel.

Victor Alves, Luciana Telles, Guilherme Ferreira, Fernando Inácio, Artur Cardoso, Alexandre Barbosa e Giorgia Cecchinato (UFMG), em *Entre Doutrina do ser e Fé e saber: sobre a infinitude de Hegel*, procuram "analisar a estrutura da "infinitude" [*Unendlichkeit*] que Hegel apresenta na *Ciência da lógica* em sua primeira seção, segundo capítulo, subseção C. intitulada *A infinitude*, destrinchando essa estrutura e seus argumentos em busca de compreender o seu funcionamento. A

partir da consideração do infinito como verdade do finito, na breve "Observação 2" Hegel passa a explicitar a qualidade ideal do finito e define toda a verdadeira filosofia como idealismo. Uma adequada compreensão do infinito e da sua relação com o infinito representa então o elemento discriminante para distinguir a verdadeira filosofia. Já no artigo de 1802, *Fé e saber*, Hegel serviu-se de maneira extensa da relação finito-infinito como chave de leitura da filosofia moderna. Como terceiro e último passo, queremos analisar brevemente esse texto e fazer algumas considerações acerca do desenvolvimento da questão da infinitude".

Iuri Slavov, Kadú Firmino, Pedro Farhat e Michela Bordignon (UFABC), em *O limite como metacategoria filosófica. Um caminho entre Kant, Hegel, e possíveis desdobramentos na filosofia contemporânea*, cujo objetivo é "mostrar a produtividade da categoria hegeliana do limite [*Grenze*] como metacategoria filosófica. Em vista disso, avaliaremos em que medida a categoria hegeliana de limite pode ser usada criticamente para entender a relação entre outras categorias em debates que também podem parecer distantes de interesses especificamente hegelianos. O artigo será dividido em três partes. Na primeira analisaremos a herança kantiana a partir da qual Hegel constrói o conceito de limite; na segunda, apresentamos brevemente o conceito de limite na lógica hegeliana; na terceira, analisamos a funcionalidade desse conceito na análise da relação entre razão e conteúdo sensível na abordagem de John McDowell e avaliamos a recuperação de Marcuse da categoria de limite em *Razão e Revolução* e como ela pode entrar em diálogo com algumas sugestões vindas das cosmologias de religiões brasileiras de matriz africana, como Umbanda e Candomblé, considerando, em particular, a figura de Exu".

Alexandre S. Barbosa (UFMG), em *Ontologia como Dialética da Infinitude*, apresenta "o *Etwas*, como momento lógico na progressão do ser determinado, se estabelece no desdobramento da topologia do *Dasein* em sua relação com a alteridade. A partir das inscrições da alteridade sobre seu limite, o *Etwas* opera a interiorização e a apropriação da alteridade, e assim se diferencia em sua estrutura. O devir do *Etwas* se estabelece como produção infinita de si como movimento dialético da identidade, a cada momento distinta de si, diante da alteridade produzida dentro de si. No presente texto, a investigação sobre os destinos da alteridade na

topologia do *Etwas* partiu da Doutrina do Ser/Ciência da Lógica e percorreu as formas de estruturação da materialidade na Filosofia da Natureza/Enciclopédia das Ciências Filosóficas. Nesse percurso, os efeitos da dinâmica reflexiva e da circularidade são investigados nas estruturas cristalina e orgânica, numa proposta de elaboração das formas da infinitude na ontologia do *Etwas*”.

Os organizadores expressam seu agradecimento a todos os grupos participantes do evento que submeteram seus textos para publicação, nossa gratidão e reconhecimento. Também, agradecemos ao CDEA – Centro de Estudos Europeus e Alemães, pelo apoio.

Os organizadores.

Agemir Bavaresco.

Jair Tauchen.

João Jung.